

Gabriela Pereira Jorge

**FÁBULA, MORAL E NIETZSCHE: CONTRIBUIÇÕES PARA A  
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de licenciada em  
Pedagogia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup>.  
Dr.<sup>a</sup>. Rosana Silva de Moura.

Florianópolis  
2016



Este Trabalho de Conclusão de curso foi julgado e APROVADO em sua forma obtendo nota 9,0.

Florianópolis, 06 de abril de 2016.

---

Coordenador do Curso – Prof. Dr. Jeferson Silveira Dantas

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana Silva de Moura,  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Santana Dias Debus (MEN/CED/UFSC)  
Examinadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Schneider Hardt (EED/CED/UFSC)  
Examinadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Me. Gustavo Tanus Martins  
Examinador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Me. Vilmar Martins  
Examinador  
Universidade Federal de Santa Catarina



Dedico este trabalho a todos que me acompanharam na caminhada da graduação, em especial, minha família.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram e impulsionaram com palavras de incentivo a realização e concretização deste trabalho de conclusão de curso, em especial minha família e amigos.

Sou grata à professora Dr.<sup>a</sup> Rosana Moura que aceitou o desafio de me orientar e, com palavras sensatas e sábias, fez com que este trabalho se tornasse real e de grande valor para meu crescimento acadêmico.

Agradeço a todos que diretamente ou indiretamente compuseram minha formação no curso de Pedagogia, que me auxiliaram a chegar onde estou e que, de certa forma, contribuirão para a abertura de novos caminhos e horizontes para eu percorrer a partir de então.

Agradeço à Banca Examinadora que aceitou e se mostrou disposta, comprometendo-se com o desafio que foi lançado de avaliar e contribuir para o aperfeiçoamento deste trabalho.



JORGE, Gabriela Pereira. **FÁBULA, MORAL E NIETZSCHE: CONTRIBUIÇÕES PARA A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO** (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de Pedagogia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia tem por objetivo investigar a questão filosófica da moral expressa no gênero literário fábula, o qual se refere a um gênero clássico e, correntemente, usado na educação infantil. O TCC busca no horizonte da Filosofia da Educação o suporte teórico da filosofia de Friedrich Nietzsche para refletir a questão da moral, tendo em vista que este filósofo foi um dos maiores críticos da moral de seu tempo e ainda hoje é um referencial para pensá-la. A metodologia da pesquisa desenvolve-se como exercício hermenêutico de interpretação de textos, seja da literatura infantil (fábulas de Esopo e Jean de La Fontaine) seja da filosofia nietzschiana (“Aurora”, “Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”, “Crepúsculo dos ídolos” e “Como se filosofa com o martelo”). A pesquisa nos leva a interpretar uma *função moralizante* na fábula e, por isso, a figura mediadora do professor se torna fundamental durante o uso desta literatura junto às crianças, discutindo e atualizando os sentidos morais ali encontrados. Como proposta da filosofia da educação, ao que se refere o tema de pesquisa deste TCC, fica a provocação de deixar vir à tona o devir criança de cada leitor-criança.

**Palavras-chave:** Fábula. Nietzsche. Moral. Formação. Filosofia da Educação.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 - O QUE É UM TEXTO CLÁSSICO? SERIA O GÊNERO FÁBULA UM TEXTO CLÁSSICO?</b> .....	19
<b>1.1 O que determina um texto ser um clássico?</b> .....	19
<b>1.2. A fábula: Divertir? Instruir?</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 2 - A FILOSOFIA DE NIETZSCHE E A FUNÇÃO MORALIZANTE DA FÁBULA</b> .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35



## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem por objetivo analisar alguns aspectos do uso da fábula em instituições educacionais, problematizando sua moral, à luz da perspectiva filosófica de Friedrich Nietzsche (1844-1900). É preciso salientar que estamos compreendendo este gênero literário aqui como um clássico, visto que possui função moralizante expressa em seu conteúdo. Dessa forma, buscamos compreender como esta função pode intervir na formação humana. Em outras palavras, propomos um estudo da fábula a partir de dois modos diferenciados de interpretar sua função moralizante: uma em sentido tradicional, que tem como propósito instruir o agir, e outra por meio de um olhar sobre o mesmo objeto a partir do sentido filosófico, que deseja questionar e refletir certa moral vigente por meio da linguagem fabular.

Também enfatizamos, como pano de fundo de nossa pesquisa, a importância de se trabalhar com a literatura clássica universal em âmbito escolar, tendo um dos focos direcionado às fábulas. Porém, procuramos mostrar como é possível fazermos questionamentos diante da função moralizante que ela apresenta e, com isso, redimensionar o uso deste gênero literário na formação da criança. Partindo deste princípio, perpassamos também a possibilidade de novas criações que a literatura pode proporcionar por meio de releituras. Temos a compreensão de que não existe apenas uma verdade absoluta e uma moral completamente pronta e acabada que, comumente, a fábula traz incorporada em si.

Nesse sentido, o trabalho perpassará conceitos de “verdade”<sup>1</sup> e “moral”, apresentados por Friedrich Nietzsche, mas também dialogará com demais autores que, em suas obras, aproximam-se desse debate e nos inspiram a questionamentos que irão compor as reflexões diante do tema. Em referência à discussão e questionamentos destes conceitos, os quais serão apresentados a seguir, partimos das obras de Nietzsche,

---

<sup>1</sup> O conceito de ‘Verdade’ é conceituado por Nietzsche, em sua obra “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”, presente no livro “Obras incompletas”, como: “Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem forma sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não como moedas.” (1983, p. 48).

“Aurora” (2004) e “Crepúsculo dos Ídolos” (2006), traduzidos por Paulo César de Souza.

A motivação pela escolha desse tema de pesquisa envolveu diversos elementos vividos profissionalmente. A experiência desempenhada como estagiária no cargo de bolsista com atribuições de auxiliar de sala, foi um deles. Por meio dessa vivência, foi possível articular as experiências práticas do estágio com meu período de formação acadêmica no curso de Pedagogia, em especial, com meu envolvimento em uma disciplina oferecida pelo próprio curso, intitulada “NADE – Os clássicos e a Educação”. Essa disciplina parte do olhar da Filosofia da Educação, tendo como base alguns textos de Nietzsche, o que influenciou fortemente o meu interesse pelo filósofo e por seus pensamentos.

Gabriela teve o prazer de poder presenciar e compartilhar um trabalho realizado com uma turma de G6<sup>2</sup>, com crianças de 5 e 6 anos, em uma instituição de Educação Infantil. Nesse trabalho, foram planejadas e realizadas propostas pedagógicas, envolvendo as fábulas originais recontadas por La Fontaine (1621-1695).

Ao falarmos do fabulista francês La Fontaine, destacamos de sua biografia seu reconhecimento como um dos grandes difusores da fábula, tornando-a literatura popular, difundida em um período considerado “[...] de intensos conflitos políticos, éticos e morais.” (SILVA, 2013, p. 204). Partindo desta aproximação com as fábulas, as crianças desenvolveram o exercício de construção de releitura individual e também coletiva com seus colegas de turma, traçando novas possibilidades de enredo partindo da fábula original. Isso torna ainda mais transparente a responsabilidade que o professor possui nestes momentos de suas próprias escolhas literárias e a mediação, por meio da qual ele deverá construir uma ponte significativa entre sua escolha e a criança/leitor/ouvinte.

Mellouki e Gauthier (2004) mencionam os professores como principais atores da instituição escolar, que exercem papéis de intelectuais, intérpretes e críticos da cultura. Os professores são responsáveis por filtrar, a partir de suas escolhas, os elementos culturais, comprometendo-se pela aprendizagem do educando em âmbito cultural.

---

<sup>2</sup> A sigla G6 se refere a um grupo de crianças com a faixa etária de 5 e 6 anos, pertencente ao Núcleo de Desenvolvimento Infantil, localizado na Universidade Federal de Santa Catarina, no campus Trindade. Salienta-se que o acompanhamento a este grupo foi realizado durante o estágio não obrigatório, no ano de 2012.

O professor não pode limitar-se e prender-se apenas a suas preferências. Seu comprometimento deve estar diretamente aliado à noção de que o conhecimento, cultura e sua própria formação não são elementos determinadamente prontos e acabados. É necessário que ele tenha um olhar crítico a partir de análise das obras culturais com as quais lida constantemente, buscando subsídios para formar intelectualmente seus educandos com o intuito de potencializá-los criticamente e reflexivamente.

Nesse sentido, a escola, para Gauthier e Mellouki (2004, p. 540), é uma instituição fundamentalmente cultural em que a própria cultura:

[...] permite definir, elaborar ou modificar a relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Enfim, a partir dessa relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. [...] a cultura fornece visões, ou mesmo versões, sempre construídas, que precisamos compreender, interpretar, adaptar, aceitar ou rejeitar.

No que se refere ao nosso tema, compreendemos que a fábula compõe o repertório cultural da escola e, de certo modo, da sociedade, sendo, por isso, um instrumento que possui uma função formativa. Estamos entendendo, também, que a fábula pode ser tomada como texto clássico, pois tem sua própria forma e conteúdo considerados universais. Deste modo, no capítulo 1, lançamos o questionamento sobre o que é o texto clássico. Na tentativa de responder a pergunta, pensaremos em sua dimensão moral que atravessa o tempo, especialmente no caso deste tipo de gênero literário que, de certa forma, nos intriga, ou seja, da fábula.

Assim, as reflexões que compõem esse trabalho são tentativas de respostas às seguintes indagações: será que nas instituições educacionais a literatura clássica universal vem sendo explorada para além de sua leitura imediata por parte dos professores? E será que se permite que as crianças façam sua própria “leitura” e interpretação diante dessas práticas a partir dos clássicos? Diante de ações pedagógicas sob mediação do professor, há valorização do olhar da criança e suas concepções? Os autores canadenses referidos acima atribuem ao professor a função de intelectual e intérprete da cultura, mas será que em sua atuação os professores desempenham tal papel de mediação ou limitam-se apenas a sua própria compreensão de mundo?

A partir de uma experiência de observação no G6, surgiram perguntas como: a moralidade presente nas fábulas é trabalhada no

contexto escolar? Como é possível construir a releitura a partir da interpretação e compreensão do texto ‘original’? Como se questiona a moralidade nessa releitura? Por que isso importa para a Filosofia da Educação e seu tratamento do processo da formação humana?

Defendemos que, em contato com a literatura clássica, a criança terá a possibilidade de ampliar seu repertório de leitura e seu olhar perante o mundo. Por intermédio do exercício das releituras elaboradas pelo professor, a criança poderá compreender que não existe apenas uma versão da história, que ela está aberta a novas composições, assim como o conhecimento, que está em constante construção e que, a cada dia, uma nova janela pode ser aberta, inclusive pela própria criança.

A criança construindo sua própria releitura, parte do original, mas nela pode expor seus desejos, suas concepções sobre a moral e verdades. A partir desta dinâmica, é possível auxiliar e possibilitar a construção de seu pensamento crítico, podendo torná-la consciente de que ela é também produtora de cultura e não meramente reprodutora de uma. O que se espera da formação da criança na escola é que ela venha a “[...] contribuir para a formação (*Bildung*) e para a educação dos indivíduos desenvolvendo sua capacidade de julgar.” (GRONDIN *apud* HARDT; DOZOL; MOURA, 2014, p. 158).

O cenário de pesquisa desenhado até aqui, parece justificar nossa inscrição no horizonte da Filosofia da Educação, que tem por base a pergunta pela formação humana. Assim,

É oportuno também pensar que a filosofia da educação precisa ter no seu horizonte a compreensão de que a formação contém, ao mesmo tempo, a demanda de um devir, algo de uma ordem indeterminada, assim como certa demanda formal e normativa; ou seja, ela produz-se no mediado e no imediato. Pois, educação, enquanto formação espiritual implica em exercício constante, de uma vida inteira, de formar a si mesmo. Vai além do ensino, mas não lhe é excludente, na medida em que este participa, mas não determina os contornos do desenho particular e solitário que cada um faz de si. Ao contrário, a ideia é a de que, por ex., a escola possa ser um lugar de fortalecimento da formação espiritual e o ensino, por sua vez, uma experiência de descobertas e inventividade do humano (HARDT; DOZOL; MOURA, 2014, p. 158).

Então, como foi dito anteriormente, este TCC pretende abordar a importância de se trabalhar com a literatura clássica e universal. Entre diversos gêneros clássicos, tomamos para nosso estudo a fábula. Pretendemos destacar a questão da moral que ela expressa, levando em consideração a importante função e formação do professor neste processo ao utilizar a fábula como um recurso pedagógico. Para tanto, buscaremos analisar vivências que impulsionaram a composição desta pesquisa.

Este TCC utilizará o método qualitativo de interpretação de sentidos, tanto em uma fábula tradicional, de Esopo (2013) “A cigarra e as formigas”, como da fábula “Das três metamorfoses de Nietzsche (2014) e também a de La Fontaine (2013) intitulada “O camelo e os troncos boiando”. Motivadas pela leitura de escritos do filósofo, nos debruçamos sobre a perspectiva moral que as fábulas encerram ou ainda, a provocação que elas podem produzir quando, pela mesma forma fabular, apresentam conteúdo filosófico inesperados e nos levam a repensar a função que lhe era atribuída até então de certa forma explícita.

Procuramos entrelaçar literatura, filosofia e educação, esculpindo nosso tema a partir de referências bibliográficas que perpassarão pelo campo da Filosofia da Educação. Nietzsche é o pensador filósofo que nos auxiliará a pensar a função moral que a fábula exerce na formação humana. Escolhemos este campo, pois ele traz incorporado a si o propósito de refletir e questionar filosoficamente a postura que se tem mediante a prática pedagógica, pois “sem tal comportamento, os profissionais da área ficarão presos a uma racionalidade que, de modo oculto, orienta seu agir” (FLINCKINGER, 1998, p. 16). Ao falar em fábulas encharcadas de moralidade, acreditamos que a postura pedagógica necessária é a de ser, primordialmente, pré-elaborada reflexivamente. Antes mesmo de se tornar uma prática pedagógica junto ao educando-criança, o professor precisaria pensar na racionalidade que orienta o seu agir. Qual a sua função a partir da própria prática mediante uma moralidade? Repeti-la? Questioná-la? Redimensioná-la? Fazer pensar? Ou ditar caminhos? Assim, a fábula deixa de ser um modelo de uma única moralidade, introduzindo o certo e o errado, o bem e o mal, para ser um recurso pedagógico para pensar filosoficamente o que ela faz transparecer a partir da leitura crítica e reflexiva que o professor pode fazer dela.

Nesse sentido, inicialmente apresentamos o que é um texto clássico (Capítulo 1) e, no tópico 1.1, refletiremos o que possivelmente

determina um texto a se tornar um clássico, como uma obra que permanece no tempo. Posteriormente, no tópico 1.2, traremos a definição de fábula em seu âmbito literário, destacando-o como um gênero com características próprias, e em seguida desenvolveremos questionamentos pertinentes diante dos elementos que conformam sua composição. Posteriormente (Capítulo 2), buscaremos na filosofia de Nietzsche apoio para interpretarmos o conteúdo da fábula e sua função moralizante na formação humana.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, como um modo de fazermos uma reflexão sobre o uso da fábula mediante a filosofia de Nietzsche, pensando a formação do professor sob olhar da filosofia da educação. As palavras de Nietzsche (2006, p. 58) nos inspiram, pois ele defende que:

[...] Precisa-se de educadores que sejam eles *próprios* educados, espíritos superiores, nobres, provados a cada momento, provados pela palavra e pelo silêncio, de culturas maduras, *tornadas doces* (Grifos do autor).

## **CAPÍTULO 1 - O QUE É UM TEXTO CLÁSSICO? SERIA O GÊNERO FÁBULA UM TEXTO CLÁSSICO?**

Neste capítulo procuramos apresentar o que é um texto clássico, os fatores e elementos que o determinam enquanto tal e a relação que se constitui entre este e a fábula. Em vista disto, também discutiremos o que é uma fábula em âmbito literário em diálogo com a filosofia. Para tanto, partiremos da questão central: seria a fábula um clássico?

### **1.1 O que determina um texto ser um clássico?**

O que determina que um texto perpassasse décadas e perdure por centenas de anos? Que tipo de conteúdo presente nas fábulas é tão importante e declarado como clássico? Que conteúdo presente na fábula faz tanto sentido para quem hoje a lê? As lições de moral enraizadas nas fábulas são consideradas importantes para viver-se em sociedade? Quem exatamente determina o texto vir a se tornar clássico? Apenas os antigos? Hoje em dia tudo parece ser muito passageiro e nada se mostra duradouro e definitivo, então como encontrar hoje um texto que possa ser tomado como um clássico?

Com intuito de responder a esses questionamentos, em primeiro lugar, é preciso compreender o conceito de clássico, sob um ponto de vista literário. Italo Calvino (1923-1985) ressalta em sua obra “Por que ler os clássicos” que:

Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer [...]. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele para longe.[...] Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos (CALVINO, 2007, p.11-12).

O autor citado acima não nos dá uma definição clara e imediata ao pensar o que determina um texto a ser clássico. O que exatamente um clássico pode dizer de inesperado? Entre tantos escritos feitos pela sociedade durante o tempo, qual fator exato os tornaram clássicos? Calvino nos dá elementos significativos para pensarmos sobre o que seria o texto clássico.

De certa forma compreendemos que os textos considerados clássicos de alguma forma possuem algo muito vivo que aproxima o leitor para o interior do texto, fazendo com que o prenda. Por outro lado, os textos determinados como clássicos podem não ser a preferência da grande maioria das pessoas. Todavia, a escola é um dos espaços em que o clássico tem maior reconhecimento<sup>3</sup>, local em que são apresentados para as gerações. Portanto, os clássicos não se delimitam às escolhas feitas por outros no passado. Neste sentido, Calvino destaca:

[...] a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola (CALVINO, 2007, p. 13)

Como Calvino salienta, a partir de sua apresentação na escola, cada leitor determinará os seus textos clássicos a partir de suas próprias escolhas. A partir das nossas diversas leituras feitas ao longo da vida, construímos nossas preferências, tornando possível a construção de um humano que traça seus próprios caminhos a partir de sua descoberta, interpretando de forma singular as leituras que faz. Leituras não apenas de textos, mas de mundo.

Em seu livro “Com e por que ler os clássicos universais desde cedo”, Ana Maria Machado (2002, p. 17-24) salienta a questão de que a literatura é patrimônio que foi sendo acumulado com o passar dos anos, que nos foi herdado e pertence a nós, sendo assim, nossa por direito. Se outrora a literatura era privilégio de poucos, hoje está mais próxima de nós, de certa forma, ao alcance de boa parte de todos.

Os clássicos universais possibilitam que se abram novas janelas diante de nossos olhos, fazendo com que sejamos desafiados à compreensão do texto. Ana Maria Machado (2002) acrescenta que a literatura clássica universal consegue ser eterna e sempre nova. Sendo assim, os clássicos sempre têm algo novo para nos dizer, como Calvino reafirma.

---

<sup>3</sup> Comumente temos notícias de que o teatro e o cinema também são espaços que fazem uso do clássico.

Clássicos mudam à luz de uma perspectiva histórica diferente. Quem os reescreve introduz elementos de suas vivências e de seu tempo, talvez mudando o sentido primordial do clássico original. A fábula em si foi escrita e reescrita inúmeras vezes por diferentes pessoas em tempos diversos, não se sabe ao certo quem as criou primitivamente. Luiza Maria ao definir fábula diz que ela é “[...] uma das espécies literárias mais resistentes ao desgaste do tempo.” (ALVES, 2007, p. 27 *apud* SILVA, 2013, p. 204). Consideramos curioso seu ingresso e forte permanência no mundo.

No caso das fábulas marcadas como clássicas, elas podem ser consideradas úteis para se viver e conviver em sociedade? Será que a moral presente nelas cabe ao modo em que vivemos cotidianamente? Será este o elemento crucial que faz da fábula um clássico que perdura por gerações? Mas o que realmente é uma fábula? Quais os elementos presentes neste gênero literário que fazem com que ainda seja presente e conhecido no mundo? Estes ensinamentos morais expressos em seu conteúdo são pretendidos por quem?

No tópico a seguir trataremos a definição de fábula, algumas elucidações às questões suscitadas, além de novos questionamentos pautados nas discussões construídas.

## **1.2. A fábula: Divertir? Instruir?**

Não se sabe ao certo quando a fábula surgiu. Estudiosos do assunto acreditam que este gênero literário já existia aproximadamente mil anos no Oriente antes mesmo do grego Esopo (620 a.C. – 654 a.C.). Apesar de rumores de que as fábulas já existiam anteriormente ao pensador grego, alguns pesquisadores consideram-no como o grande ‘criador’ da fábula. Na pesquisa biográfica de Esopo, obtemos informações de que ele foi “[...] escravizado e libertado na Grécia Antiga.” (SILVA, 2013, p. 203). É interessante pensarmos que o ex-escravo é escritor de diversas e tão conhecidas fábulas que retratavam de normas de conduta, a partir de sua moral explícita apresentada. Tratando-se de um gênero literário, Vale (2001, p. 43) define a fábula:

[...] como uma narrativa curta, com ações protagonizadas por vegetais, objetos, animais e seres humanos, que, apresentando uma moral implícita ou explícita, tem como função divertir e instruir. Sua estrutura divide-se em duas partes: (1) a narrativa, também chamada de corpo, em

que se revelam as ações realizadas pelos seres acima citados e, (2) a moral, denominada de alma, que explicita o ensinamento pretendido.

Segundo a definição presente no dicionário Michaelis, fábula é uma:

*sf (lat fabula)* **1** Pequena narrativa em que se aproveita a ficção alegórica para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, animais e até entidades inanimadas. **2** Narração imaginária, ficção artificiosa. **3** Narrativa ou conjunto de narrativas de ideação mitológica; mito. **4** Entrecho ou urdidura de qualquer obra de ficção. **5** Os elementos de deformação da realidade nas composições do gênero épico ou de invenção. **6** Mentira (MICHAELIS, 2009).

E para complementar as definições de fábula, apresenta-se o verbete do **Dicionário de Filosofia**, de Nicola Abbagnano:

[...] Bacon propendia a entrever nas F<sup>4</sup> um significado alegórico intencional. Essa tese é negada e combatida, um século depois, por Vico, para quem as F. são tais só do ponto de vista dos doutos, ao passo que para os povos primitivos que as criaram eram narrações verdadeiras. “Os filósofos”, diz Vico, “atribuíram às F. interpretações físicas, morais, metafísicas ou de outras ciências, segundo lhes animassem a fantasia o ouro, os compromissos ou o capricho; assim, com o auxílio das suas alegorias eruditas supuseram-nas como fábulas. Mas os primeiros autores dessas F. não entenderam tais sentidos doutos, nem, pela sua natureza rústica e ignorante, podiam entendê-los: antes, por essa mesma natureza, conceberam as F. como narrações verdadeiras... das suas coisas divinas e humanas” (*Sc. nuona*, II, Della metafísica poética) (ABBAGNANO, 1998, p. 424. Grifo nosso).

---

<sup>4</sup> Fábula.

O que o verbete nos diz é que a fábula vai se afirmando como uma narração de essência verdadeira dos povos, mais do que a visão de doutos. Mas nos parece que para ambos, povo e douto, há um conteúdo moral a ser transmitido. É o que interpretamos a partir da filosofia de Nietzsche. Em nossa perspectiva, estas narrações se tornam verdadeiras nas mentalidades dos povos, passando de geração em geração e, com isso, assumem um conteúdo moral porque orientam o agir humano, sendo então revitalizadas por meio de uma função moralizante. O que pretendemos dizer com isso é que a fábula, contendo uma orientação moral incorporada pelas gerações, cumpre a função de instruir moralmente (quer dizer, o modo de agir diante do bem e do mal) desde a infância, na qual ela, de certa forma, é uma das ferramentas difusoras e também transmissoras de moral. Esta averiguação foi evidenciada por Nietzsche, em “Como o “mundo-verdade” tornou-se enfim uma fábula”, em “Crepúsculo dos ídolos” (2006). Nesse sentido, ao que se refere à essência presente na fábula, Coelho (2000, p. 165) nos ajuda a esclarecer que “[...] o corpo é a fábula, a alma é a moralidade. ”..

Compreendendo tais fatores, como podemos apresentar a fábula para as crianças? A partir de nossa própria experiência de leitor adulto, poderíamos apresentar a fábula como sendo um tipo de texto literário com algumas características próprias. Quanto à forma narrativa original sendo simples e direta, utilizando-se de animais e objetos inanimados para representar características comportamentais tipicamente humanas, fadas de moralidade, e o que seria o conteúdo dela (NEVES, 2009).

Monteiro Lobato em seu livro “Fábulas” (1992), trouxe ao contexto brasileiro releituras das fábulas moralizantes clássicas, inteirando-se com o cenário cultural e artístico local da época, e direcionado-as para as crianças. A moralidade não estava expressa diretamente, mas tais fábulas foram reconstruídas com a intenção de que a moral seja revelada aos poucos, na medida em que vamos constituindo a compreensão do texto. Segundo Neves (2009), as fábulas escritas por Lobato partem de uma perspectiva dialógica no qual há o diálogo entre os personagens e mostram-se diversos pontos de vista de uma mesma história fazendo críticas em relação às traduções de Jean de La Fontaine (1621-1695), nas quais pouco se permite o questionamento, sendo algo direto, espinhoso e impenetrável.

Através do diálogo em torno das fábulas, os personagens do sítio – crianças, bonecos e adultos – extrapolam a dimensão do texto e procedem a leitura do mundo, realizando de uma maneira

crítica o ato de ler. [...] A constante renovação do sentido do texto, que vem da também constante renovação da posição do leitor, da formação e entendimento de cada um, garante à obra seu caráter de “eterna novidade”, a cada leitura ou releitura que sofre, e aproxima consideravelmente mundos reais e fictícios (NEVES, 2009, p.58-59).

O que destacamos nas palavras do autor é aquela ideia básica que orienta a democracia e a educação: parte-se do princípio de que todos possuem o direito de expor as suas opiniões e respeitosamente de ouvir o outro, mesmo que haja o confronto e discordância. Ao trazer estes elementos, recorro minha experiência vivida enquanto bolsista no NDI no ano de 2013. Após a leitura de uma fábula de La Fontaine junto ao grupo de crianças G6, abriu-se espaço para o diálogo e discussão, dando-se liberdade e voz às crianças, compartilhando de suas ideias e concepções diante da história apresentada pela fábula. Neste momento, as crianças questionavam o final considerado rigoroso e, rapidamente, reconstruíam e reformulavam a história, em destaque, o seu final.

Vale (2001, p.44) justifica o uso da fábula para crianças ao dizer:

Esse modelo de narrativa como objeto de leitura para criança é recomendado, principalmente, pela natureza alegórica de seu discurso e pela possibilidade de discussão sobre a moral, levando o leitor a questioná-la e relacioná-la com o mundo atual.

A partir das definições de fábula apresentadas, questionamos: Quem ela instrui? Instrui para o quê? Quais são as morais enraizadas nas fábulas? Qual seria o papel do professor na leitura e trabalho com a fábula num modo usá-la como ferramenta de comunicação para transparecer uma moral que conduz a um modo de agir?

Buscando responder tais indagações, centralizaremos a discussão na então conhecida fábula “A cigarra e as formigas”, presente na obra “Esopo - fábulas completas” (2013).

Esta fábula conta a história de uma cigarra que cantarolava todo o verão, enquanto as formigas trabalhavam incansavelmente para fazer sua reserva de suprimentos para o inverno. Ao chegar o inverno, a cigarra se encontrou em uma situação de desespero, porque não tinha abrigo e nem alimentos. Foi então que a cigarra bateu na porta do formigueiro pedindo abrigo. A formiga que abriu a porta ao vê-la

naquela situação, apenas lhe disse que ela não havia trabalhado para garantir seu inverno, que apenas cantou o verão inteiro irresponsavelmente e, por isso, arcaria com as consequências de suas ações. Foi então que uma das formigas disse-lhe para cantar e dançar, fechando a porta do formigueiro e deixando-a para o lado de fora. A fábula sugere uma divisão moral nos comportamentos dos personagens, que encarnam esses valores a partir da lógica binária do bem e do mal, certo e errado, ser isto ou aquilo. Nesse sentido, a partir de uma leitura imediata, esta fábula nos dá apenas um modo binário de ver o mundo.

É interessante pensarmos como as releituras da fábula recontada acima são apresentadas em muitos livros com finais diferenciados, menos bruscos, mais sutis, nos quais a cigarra junta-se às formigas para alegrar o inverno, cantando no formigueiro enquanto o inverno vigora. Também, a partir de leituras deste clássico, já nos deparamos com releituras em que as formigas valorizavam a cantoria da cigarra no verão, tornando o trabalho delas mais alegre e menos árduo.

Nesse sentido, compartilhamos aqui uma experiência da aluna Gabriela, construída a partir de uma disciplina intitulada “Literatura e Infância”, presente no currículo da graduação de Pedagogia da própria Universidade Federal de Santa Catarina. No período final desta disciplina, foram confeccionados livros artesanais, dentre os quais, um deles foi elaborado por ela. Essa recriação se referiu a uma releitura da fábula “A cigarra e as formigas”, que, apesar de seguir possuindo o mesmo título dado por Esopo, incorporando o olhar criativo da aluna, expressando suas concepções, adquirindo uma nova configuração em contrapartida à fábula considerada clássica.

Destacamos que a releitura permite, e nesse caso permitiu, recriar, problematizar para além do que apresenta o clássico, o original. E mais: em nosso entendimento, naquele momento, a fábula foi um suporte para a aluna exercitar sua visão de mundo em construção, sob a mediação do professor que orientou a atividade.

No capítulo a seguir iremos discutir e refletir sobre a moral expressada nas fábulas, mas que também permeia outros gêneros literários, em especial aqueles destinados à leitura infantil. Ao falarmos de moral, nos aproximaremos da discussão que Nietzsche traz a partir do tema que se encontra fortemente na sociedade, que determina as atitudes do sujeito, tanto em âmbito coletivo quanto individual.

## CAPÍTULO 2 - A FILOSOFIA DE NIETZSCHE E A FUNÇÃO MORALIZANTE DA FÁBULA

Por que estamos relacionando Nietzsche ao nosso tema central de discussão?<sup>5</sup> Aqui tentaremos responder esta pergunta. Nossa ideia neste trabalho de conclusão de curso é a de relacionar a fábula com a perspectiva da filosofia de Friedrich Nietzsche, especificamente com a questão da moral por ele problematizada.

Como viemos apresentando, nas palavras de Nietzsche, a moral é uma grande questão para a filosofia. É sabido que a filosofia de Nietzsche trilha o caminho de uma crítica, radical, à cultura de sua época, por isso ele busca no passado, até no tempo dos gregos, a raiz do problema, contextualizando e justificando sua crítica.

A obra “Aurora” (2004), é composta por aforismos<sup>6</sup> escritos pelo autor, nos quais ele expressa suas críticas e pontos de vista diante de muitos conceitos que são de suma importância para a sociedade, destacando-se a moral e moralidade. Em suas explanações, Nietzsche parece aproximar-se significativamente da forma com que, nos dias de hoje, a sociedade funciona e se organiza. Isso faz nosso interesse por sua filosofia ser ainda maior.

A definição de moral presente no dicionário Aurélio aparece como: “[...] *sf.* 1. Conjunto de regras de conduta ou hábitos julgados válidos, quer universalmente, quer para grupo ou pessoa determinada.” (2008, p. 563).

Tal conceito nos conduz à reflexão: qual a diferença de moral e moralidade? Mas o que é moralidade? Como é reproduzida? As respostas a alguns desses questionamentos é encontrada em um trecho escrito pelo autor, o qual possui como ponto central a definição da moralidade como reprodução através do costume:

[...] não é outra coisa (e, portanto *não mais!*) do que a obediência a costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira *tradicional* de agir e avaliar. [...] O que é a tradição? Uma autoridade superior, a que se obedece não porque

---

<sup>5</sup> Nosso objetivo nesta pesquisa é o de analisar a moral expressa na fábula, especificamente, à luz da filosofia de Nietzsche. Todavia, cumpre destacar que o tema da fábula já se apresenta como problema na filosofia de Platão (Livro II, § 377<sup>a</sup> e ss., d’A República).

<sup>6</sup> O dicionário Aurélio (2008, p. 100) define aforismo como: “Sentença moral breve e conceituosa.”.

ordena o que nos é útil, mas porque *ordena* (NIETZSCHE, 2004, p. 17-18).

Sua crítica manifesta-se contra a moral que se sobressai e é tomada como única verdade, conduzindo a sociedade a determinadas ações na qual ela limita a experiência do humano, o conduzindo ironicamente ao que é correto, à “felicidade” e não ao erro, a partir de uma relação de medo, de submissão, de privação. Nesse sentido, é importante destacar que Nietzsche não está negando a existência e importância da moralidade, mas critica o predomínio de uma única sobre outras, conforme já dissemos. Nessa perspectiva, o autor traz:

Também nego a imoralidade: *não* que inúmeras pessoas *sintam-se* imorais, mas que haja razão *verdadeira* para assim sentir-se. Não nego como é evidente – a menos que seja um tolo -, que muitas ações consideradas imorais devem ser evitadas e combatidas; do mesmo modo, que muitas consideradas morais devem ser praticadas e promovidas mas acho que, num caso e no outro, *por razões outras que as de até agora*. Temos que aprender a *pensar de outra forma* – para enfim, talvez bem mais tarde, alcançar ainda mais: *sentir de outra forma* (NIETZSCHE, 2004, p.75).

A partir deste trecho, é possível apontarmos que, para o autor, a moral não deve ser apenas um costume reproduzido, em que talvez não tenha sentido para quem o reproduz. O humano, a partir de suas atitudes e de sua criticidade, deve tomar consciência de que a moralidade de modo amplo, possui a intenção primordial de promover a vida. O autor faz a crítica ao dizer que “[...] o objetivo da moral é agora definido aproximadamente assim: é a conservação e promoção da humanidade; mas isto significa querer uma fórmula e nada mais.” (NIETZSCHE, 2004, p. 77). O autor questiona diretamente o tipo de conservação, de promoção da humanidade produzidas e impostas pela sociedade, como se houvesse apenas um modelo, apenas uma forma de se agir para isto, como se houvesse um manual de instruções a ser seguido para o sucesso. Mas, esse raciocínio nos leva ainda a um outro questionamento: como a moral é produzida?

A moral engessada é somente reproduzida, pois há quem a vivencie sem reflexão, muitas vezes fazendo-o de modo automático e maquinal. Nietzsche, ao falar da “Moral como antinatureza” em sua

obra “Crepúsculo dos ídolos” (2006), denomina tais indivíduos que assim reproduzem a moral de “fracos de vontade”, considerando que cedem na luta contra o desejo. Aqueles que escapam dos moldes pré-estabelecidos pela sociedade são vistos com desdém aos olhos de quem reproduz a moral sem ao menos questioná-la. Nesse sentido, o filósofo descreve que “[...] a moralidade opõe-se ao surgimento de novos e melhores costumes: ela torna estúpido.” (NIETZSCHE, 2004, p. 26), desvalorizando possíveis construções e reconstruções da moral vigente. A partir disso, notamos que há uma determinação estabelecida do bem e do mal, limitando o ser humano em suas experiências e cerceando o seu poder de interpretação a partir da sua própria visão de mundo.

Ao aproximarmos novamente a crítica deste autor ao nosso elemento central de pesquisa, que é a fábula e sua função moralizante, percebemos nexos importantes. Na fábula escolhida para análise “A cigarra e a formiga”, o bem e o mal estão manifestados: a imagem responsável da formiga em seu árduo trabalho e a imagem de indolência da cigarra ao apenas cantar despreocupada. Nesse momento, lembramos Nietzsche em um de seus aforismos:

[...] Gradualmente, o costume estabelece na comunidade uma praxe conforme esta idéia: desconfia-se mais de todo bem-estar exuberante e confia-se mais em todo estado difícil e doloroso. [...] Nada foi comprado tão caro como o pouco de razão humana e de sentimento de liberdade que agora constitui nosso orgulho. É este orgulho, porém, que nos torna hoje quase impossível sentir como os imensos períodos de “moralidade de costume” que precederam a “história universal” como a *verdadeira e decisiva história que determinou o caráter da humanidade*: em que o sofrimento era virtude, a crueldade era virtude, a dissimulação era virtude, a vingança era virtude, a negação da razão era virtude, enquanto o bem-estar era perigo, a sede do saber era perigo, ser objeto de compaixão era ofensa, o trabalho era ofensa, a loucura era coisa divina, a mudança era imoral e prenhe de ruína! (NIETZSCHE, 2004, p. 24-26. Destaques do autor).

O autor parece refletir nitidamente sobre a moral descrita no contexto da fábula, no qual as formigas, à luz da perspectiva tradicional

de fábula, são recompensadas por manterem-se firmemente orientadas pelo seu dever. As formigas, assumem para si o dever e o cumprem de modo brilhante aos olhos da moral tradicional, desprovidas de qualquer piedade e consideração para com a cigarra, que, de certa forma, as alegrou com sua cantoria enquanto exerciam seu trabalho árduo durante o dia a dia do verão.

Tais reflexões nos levam à possibilidade de interpretações de outras obras. Tendo por base as características do gênero literário fábula descortinadas nesta pesquisa, é possível alegarmos que o texto escrito por Nietzsche “Das três metamorfoses”, um dos discursos presente no livro “Assim falava Zaratustra” (2014), se inscreve na definição de fábula. Deste modo, procuramos interpretá-la a partir de seu texto aqui mencionado. Inicialmente no seu discurso, o mestre Zaratustra traz a figura do camelo para falar da primeira forma do espírito. Como sabemos, o camelo foi domado pelo homem para ser um animal de carga e obedecer a seus comandos, atravessando desertos em longas e exaustivas jornadas. Esta é a primeira figura desta fábula de Nietzsche e pode conduzir-nos à compreensão de que, assim como um camelo, o humano submete sua vida ao dever, obedece às ordens que lhes são impostas. No entanto, cansado de apenas obedecer, transforma-se em leão (segunda forma transmutada do espírito), lançando questionamentos por possuir o desejo de conquistar a liberdade de ser ele mesmo, aflorando uma nova conformação para o “eu quero”. Nesse momento, enfrenta o dragão, um ser repleto de escamas, que simboliza o acúmulo de valores e moral. O dragão diz que todos os valores já estão criados e dados. Mas, ser leão, para Nietzsche, não seria ainda o melhor que o homem poderia alcançar. Então a forma criança surge na fábula. A última transformação se refere à mudança do espírito em um ser novo, símbolo da criação, possuidor da curiosidade pelo desconhecido.

“Em que o leão rapinante tem ainda se tornar em criança?”, questiona Zaratustra, o personagem de Nietzsche, e continua:

Inocência é a criança, e esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação. Na verdade, meus irmãos, para brincar o brinquedo dos criadores é necessário ser santa afirmação: o espírito quer agora a *sua* vontade; tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o *seu* mundo. Três metamorfoses do espírito vos mencionei: de como o espírito se mudava em camelo, de camelo em

leão, e o leão, finalmente, em criança (2014, p. 33).

Na busca de elementos bibliográficos para este trabalho, encontramos o livro “Fábulas selecionadas de La Fontaine” (2013), traduzido por Leonardo Froés, no qual o posfácio é escrito pelo próprio autor considerado difusor das fábulas. Em seu texto, sinaliza claramente o seu interesse, justificando a importância da irradiação das fábulas na sociedade, em especial dentre o universo infantil, ao mencionar que Esopo:

[...] deseja que as crianças suguem estas Fábulas com o leite; e recomenda às Amas que as ensinem para elas, pois por si só ninguém tão cedo se acostuma com a sabedoria e a virtude; antes de sermos reduzidos a corrigir nossos hábitos, é mister trabalhar para torná-los bons enquanto eles ainda são indiferentes ao bem e ao mal (LA FONTAINE, 2013, p. 149. Grifo nosso.).

Se retomamos, neste momento, à crítica de Nietzsche, podemos dizer que nas fábulas de La Fontaine, muito populares, a moral também é repassada e reafirmada. A nosso ver, certamente Nietzsche está em desacordo com La Fontaine no uso da fábula pela sociedade. Por muito tempo, as fábulas foram e ainda têm sido contadas de geração para geração, através dos estabelecimentos de ensino. Como sabemos, também a escola serve como uma das ferramentas de reprodução e transmissão da moral, além da família e o entorno de convívios da criança. A fábula segue transmitindo uma moral que afirma-se pela diferenciação entre bem e mal, o certo e o errado.

É possível perceber explicitamente a moral impregnada nas fábulas de La Fontaine. O que nos conduziu a lançar questionamentos complementares na composição da discussão sobre o conceito de moral. Para refletirmos, selecionamos um trecho de uma de suas fábulas intitulada “O camelo e os troncos boiando”:

Tal novidade era o Camelo  
Que o primeiro fugiu ao vê-lo;  
O segundo aproximou-se; o terceiro, presto,  
Pôs no Dromedário um cabresto.  
Tudo se torna assim familiar com o hábito.  
O que antes parecia assustador e insólito  
Se acomoda à nossa visão

Quando já é repetição.

Aliás este caso do qual estamos falando  
 Lembra o das pessoas que olhando  
 Longe no mar algo impreciso balançando,  
 Garantiam ter pela frente  
 Um navio todo imponente.  
 Mas momentos depois tornou-se aquilo um bote,  
 Ora foi balsa, ora caixote,  
 Sendo por fim troncos boiando.  
 Bem sei que a muitos, circulando,  
 Convém no mundo esta tirada:  
 De longe é alguma coisa, de perto não é nada (LA  
 FONTAINE, 2013, p. 47 - 49).

Na fábula acima, aparece a figura do camelo. Os outros personagens, ao vê-lo, em um primeiro momento, o estranham, e conforme as tentativas de aproximação entre eles vão ocorrendo, esse estranhamento vai desaparecendo e, assim, o camelo acaba sendo colocado no cabresto e sendo adestrado. A partir das leituras dos textos de Nietzsche, é possível compararmos esta situação de adestramento do camelo aos costumes e hábitos morais, que em primeiro momento pode nos parecer estranho, mas, por meio de atos de repetição, são incorporados como verdade. Hábitos fazem com que se evite a experimentação do novo e apenas se reproduzam costumes já construídos e determinados pela moral vigente, ‘dominante’. A segunda parte da fábula apresentada nos faz refletir sobre o fato de que a moral educa o olhar diante do mundo. O desconhecido e o novo parecem ser vistos como ‘ruins’, julgados sem mesmo buscar conhecê-los. Esta parece ser a função da fábula: educar o olhar para o mundo. Nesse sentido, a fábula diverte e também instrui, assim como apresentamos no capítulo anterior.

Aqui destacamos que a moral, como um costume, educa o nosso olhar diante das coisas, previamente julgando-as. Em parte, seu julgamento pelo novo é feito de forma negativa, privando-nos de fazermos experimentações diante do novo, para então concluirmos nosso julgamento.

Como tratamos anteriormente, a moral é transmitida de geração para geração. La Fontaine entoa o princípio de que:

As fábulas são assim um quadro onde cada um de nós se encontra retratado. O que elas nos

representam confirma as pessoas de idade avançada nos conhecimentos que a prática lhes deu e ensina às crianças o que é preciso que elas saibam. Como essas últimas são recém-chegadas ao mundo, não conhecem ainda seus habitantes, nem ainda conhecem a si mesmas. Não devemos deixá-las nessa ignorância, a não ser no mínimo possível: é preciso ensinar-lhes o que é um Leão, uma Raposa e todo o restante; e por que às vezes comparamos um homem a esta Raposa ou àquele Leão. É para isso que as Fábulas trabalham: delas provêm as primeiras noções sobre essas coisas (LA FONTAINE, 2013, p. 150-151).

La Fontaine assume, através da fábula, a posição do sábio, escrevendo o que é certo. Quem a lê toma como verdade a apresentação (e o dever ser) de um humano exemplar, que reúne as características de indivíduo correto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos conceitos construídos de fábula e moral, à luz dos pensamentos de Nietzsche, como podemos pensar no papel do professor? O que a Filosofia da Educação pode contribuir para a formação deste profissional diante destes temas discutidos até então?

Ao refletirmos isto, não podemos abandonar a ideia de que o professor possui papéis importante como de intérprete, intelectual, herdeiro, crítico e mediador da cultura, que devem ser vertentes de suas práticas. Os autores ao falarem das atribuições dos professores, destacam a obrigação deles estarem constantemente em estado de reflexão, não sendo apenas divulgadores de conhecimento instituído. O conhecimento em si é dito como algo inacabado, não meramente a soma de todos eles já acumulados no decorrer do tempo.

Flickinger (1998), ao fazer a aproximação da filosofia da educação com a função do professor, nos possibilita compreender que é necessário que o professor possua uma postura reflexiva de suas práticas, não sendo um mero reproduzidor de métodos pré-estabelecidos. Para tanto, é preciso, por vezes, que se distancie de si mesmo, abrindo espaço para novas descobertas, não ficando preso apenas em suas preferências.

Trabalhar em âmbito educacional com as fábulas que são ditas clássicas e de grande valor, não é uma tarefa fácil quando estas são permeadas por uma moral engessada. Despertar o interesse crítico de alguém a partir de suas próprias vivências é algo a ser pensado cuidadosamente pelo professor, compreendendo que a fábula trata diretamente de visões determinadas sobre a moral. Dessa forma, consideramos importante questioná-las. Faz-se mister o trabalho coletivo e individual de busca por novas possibilidades de edificação de uma moral digna de reflexão, suposições, tentativas, que seguem na busca da promoção da vida em seu maior potencial.

Ao pensarmos em ‘bons modos’, como costume, que também são reproduzidos em âmbito educacional, ocorrem situações em que os próprios profissionais ao dizerem que a criança não pode cometer tal ato, porque é feio, reafirmam ainda mais a questão da moral como mera reprodução sem compreender seu real sentido. Sem ao menos deixá-la ciente do porquê disso ou daquilo, fazem com que a relação entre professor e criança, estudante, torne-se repleta de autoritarismo, desprovida de explicações que possam ser necessárias e satisfatórias para o desenvolvimento infantil, privando a própria experiência dela

como indivíduo, impossibilitando a construção de sua própria interpretação diante de sua experiência e resultado de suas ações.

Como proposta da filosofia da educação em relação ao tema de pesquisa deste TCC, fica a provocação de deixar vir à tona o devir criança de cada leitor-criança, que se permite a conhecer e se aproximar do desconhecido, do novo. Assim sendo, assumimos que somos seres que não estão completos, mas em transmutações constantes e diárias, através das quais passamos a conhecer nossa essência, a fazer parte de nós mesmos. Como um quadro, deixemos com que, a cada experiência, a pintura vá sendo delineada com o conhecimento adquirido e lembremos que nenhum ser é capaz de determinar exatamente sua imensidão.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 9-16.
- COELHO, Nelly. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna 2000. p. 163-183.
- ESOPO. *A cigarra e as formigas*. In: ESOPO. **Esopo – fábulas completas**. Tradução Maria Celeste C. Dezotti. Ilustrador Eduardo Berliner. São Paulo: Cosacnaify, 2013. P.154.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o mini dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2008. P.100.
- FLINKLINGER, Hans-George. *Para que a Filosofia da Educação*. Revista do Centro de Ciências da Educação. **Perspectiva: Filosofia da Educação** nº29. Florianópolis: 1998.
- HARDT, Lúcia; DOZOL, Marlene; MOURA, Rosana. Do conceito de formação humana: tensões entre natureza e cultura. In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v. 9, n. 22, p. 155-174 maio/ago. 2014**. Disponível em <[http://www.utp.br/cadernos\\_de\\_pesquisa/](http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/)>
- LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas selecionadas de La Fontaine: Jean de La Fontaine**. Tradução Leonardo Froés. Ilustrador Alexander Calder. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p.17-24.
- MELLOUKI, M'hammed; GAUTHIER, Clermont. *O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico*. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 537-571, maio/ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21468.pdf>.

MICHAELIS, **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=f%E1bula>>. Acesso em abril de 2016.

NEVES, Ana Lúcia Maria. *Tradição e dissonância nas fábulas de Monteiro Lobato*. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes. (Orgs.). **Caminhos da leitura literária: propostas e perspectivas de um encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009. p. 56-67.

NIETZSCHE, Friedrich. *Das três metamorfoses*. In: **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 31-33.

\_\_\_\_\_. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Obras incompletas: Friedrich Nietzsche**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. **A República**. 5ª. Edição. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SANTOS, Vani Letícia. *Aspectos da crítica da moral em Nietzsche*. In: **Polymatheia: Revista de filosofia, vol. V, nº 7**. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2009. p. 155-168.

SILVA, Marcelo Antonio. *La Fontaine: A pretensão moralizante das fábulas*. In: **Anais do CENA**. Volume 1, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. p.202-207.

VALE, Luiza Vilma Pires. *Narrativas infantis*. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 43-44.